

MÁFIA / MILÍCIA

CONEXÃO RIO: QUANDO OS ITALIANOS CRUZARAM O ATLÂNTICO

LEANDRO DEMORI



INTRODUÇÃO

Qualquer pessoa que leia notícias regularmente no Brasil já se deparou com a palavra “milícia” — em especial, desde o assassinato de Marielle Franco em 2018. “Miliciano” tornou-se, inclusive, uma espécie de insulto comum em discussões políticas. E o Brasil de Jair Bolsonaro já foi chamado — mais de uma vez, e por mais de uma pessoa — de República das Milícias. A palavra se repete tanto em noticiários, debates e posts de redes sociais que muitas pessoas acabam se perguntando, inevitavelmente: “Mas o que é uma milícia?”.

Quem procurar o significado de “milícia” no dicionário vai encontrar, entre outras definições, esta: “grupo paramilitar que age à margem da lei”. Muito bem: mas o que são, exatamente, as milícias de que a imprensa vem falando recentemente no Brasil? É o que as próximas páginas tratarão de explicar.

Este é um livro de leitura breve. O texto foi extraído de uma *live* transmitida no meu canal de You Tube em 12 de julho de 2020 intitulada “O Escritório do Crime: as tramas e os mistérios da investigação sobre Marielle Franco”. A linguagem desta edição reflete, portanto, o tom mais coloquial e didático da proposta.

A MILÍCIA

A milícia no Rio de Janeiro é fragmentada e não tem, ainda, uma organização que centralize as decisões dos grupos. Não há certeza sobre a existência de uma cúpula milicianiana. No entanto, podemos dizer que a milícia é uma espécie de costela criminosa: um derivado, uma ramificação do vasto complexo de criminalidade do Rio de Janeiro.

Em sua origem, a milícia surge como um grupo armado com o objetivo (suposto ou declarado) de prover segurança a determinada área, ou seja: "proteção contra bandidos". Era formada na maior parte das vezes por policiais militares, inclusive da ativa. O que se vendia como uma espécie de segurança de bairro turbinada, claro, logo se transformou em um imenso problema: a própria milícia passou a cometer crimes e a se organizar à maneira de grupos criminosos.

A milícia se forma de acordo com o sistema mafioso clássico: por meio do domínio territorial. O crime inicial da milícia, com efeito, é o mesmo que está na semente da Cosa Nostra – a máfia siciliana. E esse crime é a extorsão. Sob o pretexto de providenciar “segurança comunitária”, a milícia domina determinada área e então obriga os moradores a comprar serviços e produtos de lugares pré-estabelecidos, e a “pagar por segurança”. Os milicianos tomam dinheiro das pessoas para protegê-las deles próprios. Dessa forma conseguem domínio territorial, essencial para rodar outros negócios. Controlam a venda de gás de cozinha, criam centrais piratas de TV a cabo, fazem distribuição ilegal de energia elétrica (o “gato de luz”) e controlam o comércio de forma geral. Inicialmente, isso é o que a milícia faz. Em seguida, passam a expandir seus negócios.

Quando as milícias começaram a ganhar poder, eram até mesmo bem vistas nas comunidades, pois expulsavam o tráfico. Além disso, os milicianos eram bombeiros, policiais, às vezes gente do Exército, e isso lhes conferia um ar de respeitabilidade. Mas, com o tempo, as próprias milícias passaram a traficar drogas. Ou então começaram a cobrar porcentagens dos traficantes sobre as vendas realizadas em determinada “boca”, por exemplo. Hoje, a milícia já não invade uma zona para expulsar traficantes, mas para pegar uma parte de seus lucros. Deixam que os traficantes sigam trabalhando, mas passam a ganhar algo com cada porção de droga vendida. O verniz de protetores comunitários – exaltado pelos Bolsonaro, como veremos em breve – se desgastou e começou a cair.

A COSA NOSTRA

E foi assim, justamente, que nasceu a máfia siciliana, entre os séculos XVIII e XIX. No início de sua história, a Cosa Nostra dominou o interior da Sicília, mantendo sob seu controle as fontes de água pura (que eram poucas), os frigoríficos e a distribuição de proteína animal. Tempos depois, começou a expandir suas atividades. Primeiro, investindo no contrabando de cigarros, que eram adquiridos no leste europeu e transportados por via marítima aos países da Europa ocidental. Desse modo, o poder da Cosa Nostra se espalhou do interior siciliano para as águas do mar Mediterrâneo, e a máfia se especializou em transportar coisas a bordo de navios – ilegalmente, é claro. Em algum tempo, já não contrabandeava apenas cigarros, mas também heroína. Em seguida vieram o tráfico de armas, o tráfico de seres humanos – e assim por diante.

A importância da Cosa Nostra no surgimento das milícias cariocas vai além da semelhança entre seus modelos iniciais de negócio. Isso porque a máfia italiana teve uma participação direta em um fenômeno peculiar ao Rio de Janeiro: a "contravenção", ou seja, o jogo do bicho. O *bicho* nasceu no Rio de Janeiro e, mais tarde, se organizou de acordo com o modelo siciliano – isso graças a um mafioso de verdade, o italiano Antonino Salamone (conforme conto no meu livro “Cosa Nostra no Brasil: a História do Mafioso que Derrubou um Império” – Companhia das Letras, 2016). Nascido na Sicília, Salamone integrava a cúpula da Cosa Nostra e, em 1963, envolveu-se num crime conhecido como *Strage de Ciaculi* – um atentado que aconteceu na cidade de Ciaculi, na Sicília.

Foi basicamente assim: um grupo de mafiosos plantou uma bomba dentro de um carro, com o objetivo de matar outros mafiosos, seus inimigos. Porém, os alvos originais não caíram na armadilha. Quem acabou morrendo foram sete policiais, que abriram o porta-malas do carro-bomba, detonando o explosivo. Salamone foi acusado de ter planejado o ataque. Procurado pela polícia, fugiu da Sicília e se refugiou no Rio de Janeiro, onde fez amizade com um contraventor que, mais tarde, ficaria muito famoso: Castor de Andrade. Herdeiro de uma rede incipiente de bancas de jogo do bicho, Castor se tornaria o maior mafioso do Brasil no século XX. Com ajuda de Salamone, levou o bicho a negócios mais lucrativos como o tráfico de drogas, o contrabando de armas e os assassinatos.

O contraventor carioca deu abrigo ao colega italiano e inclusive usou sua influência para que o Ministério da Justiça naturalizasse Salamone. O mafioso virou brasileiro – não podia mais ser extraditado. Em troca, Salamone ensinou a Castor e aos contraventores do Rio os métodos de organização da máfia siciliana. O Bicho estava uma bagunça, com assassinatos e disputas por território. Era preciso organizar a coisa. E como é essa organização?

Para evitar lutas internas, os mafiosos formam uma cúpula que divide determinada cidade em territórios. Foi o que os chefões do jogo do bicho fizeram, aconselhados por Salamone. Mais tarde, houve algumas alterações provocadas por disputas entre os criminosos, mas os territórios delineados pela contravenção permanecem mais ou menos os mesmos até hoje. E esse foi o começo da máfia brasileira.



LEIA A ÍNTEGRA AGORA: apoie o jornalismo de Leandro Demori. Clique no link abaixo. Ao se tornar um apoiador e optar pelo livro, você receberá na sua caixa o e-book completo.

[APOIA.SE/LEANDRODEMOR](https://apoia.se/leandrodemor)

